



Sherlock Holmes
em:
A ciclista solitária

Por Sir Arthur Conan Doyle

PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)

CPTurbo.org



No intervalo compreendido entre os anos de 1894 e 1901 inclusive, o sr. Sherlock Holmes andou muito ocupado. Pode-se afirmar que não houve nenhum caso público difícil em que ele não fosse consultado, nesses oito anos, e houve centenas de casos particulares, alguns complicados e extraordinários, nos quais representou papel importante. Inúmeros grandes sucessos e alguns fracassos inevitáveis encheram esse período de trabalho contínuo.

Como guardei notas completas sobre esses casos, e cheguei mesmo a tomar parte em alguns, devem compreender que não me será fácil saber quais apresentar ao público. Ficarei, no entanto, fiel à minha antiga norma, que é dar preferência àqueles que apresentam interesse, não pela brutalidade do crime, mas pelo engenho e pela finalidade surpreendente da solução.

Por esse motivo, vou contar agora o caso da srta. Violet Smith, a ciclista solitária de Charlington, e a curiosa sequência de nossas investigações, que culminaram em inesperada tragédia. É verdade que as circunstâncias não permitiram nenhuma demonstração extraordinária dos dons que tornaram meu amigo famoso, mas há, no caso, pontos que o colocaram em destaque, em meio à coleção de crimes onde me inspiro para tais narrativas.

Consultando o meu caderno de 1895, vejo que foi num sábado, dia 23 de abril, que pela primeira vez ouvimos falar da srta. Violet Smith. Lembro-me de que sua visita desagradou a Holmes, que estava nessa altura interessado num problema relacionado com a estranha perseguição de que fora vítima John Vincent Harden, o conhecido rei do tabaco. Meu amigo, que acima de tudo gostava de precisão e de concentração, aborrecia-se com qualquer coisa que desviasse sua atenção do assunto em que se ocupava no momento. Mas, sem rudeza (estranha, aliás, ao seu temperamento), consentiu em ouvir a história daquela mulher jovem e bela, alta, graciosa e imponente, que se apresentou na Baker Street já muito tarde, implorando a assistência de Holmes e seus conselhos. Inútil dizer que ele estava sobrecarregado. A jovem viera disposta a contar sua história, e era evidente que nada, a não ser a força, faria com que dali saísse antes de realizar seu intento. Com ar de resignação e um sorriso cansado, Holmes convidou a bela intrusa a se sentar e nos contar o que a preocupava.

— Pelo menos, não é questão de saúde — disse ele, examinando-a com o olhar. — Uma ciclista tão entusiasta deve ter muita energia.

A jovem relanceou os olhos para os sapatos, e notei uma aspereza do lado da sola, causada pela fricção dos pedais.

— Sim, ando muito de bicicleta, sr. Holmes, e isso tem relação com minha visita de hoje.

Meu amigo segurou a mão da jovem e examinou-a com a grande atenção e

o pouco sentimento que um cientista demonstra por um espécime.

— Peço-lhe que me desculpe. Faz parte do trabalho — disse ele, largando-lhe a mão. — Quase caí no erro de supor que era datilógrafa. Não há dúvida de que se dedica à música. Veja as pontas dos dedos, espatuladas, Watson, consequência de ambas as profissões. Há, no entanto, uma espiritualidade no rosto... — e virou de leve o rosto da jovem para a luz — que não se espera numa datilógrafa. Esta moça é uma artista.

— É verdade, sr. Holmes, sou professora de música.

— No campo, suponho eu, pelo seu tom de pele.

— Sim, senhor, perto de Farnham, nos limites de Surrey.

— Lindo lugar, cheio de interessantes recordações. Lembra-se, Watson, que foi lá que apanhamos Archie Stamford, o falsificador? Agora, srta. Violet, que foi que lhe aconteceu em Farnham?

Com grande clareza e calma, a jovem começou sua narrativa:

— Meu pai já morreu, sr. Holmes. Era James Smith, regente da orquestra do velho Teatro Imperial. Minha mãe e eu ficamos sem nenhum parente, a não ser um tio, Ralph Smith, que partira para a África vinte e cinco anos antes, e de quem jamais tivéramos notícias. Ficamos pobres, depois da morte de meu pai, mas um dia nos disseram que havia no Times um anúncio, indagando do nosso paradeiro. Pode calcular como ficamos excitadas, pois imaginamos que alguém nos deixara uma fortuna. Fomos imediatamente ao escritório do advogado, cujo nome viera no jornal. Ali conhecemos dois senhores, o sr. Carruthers e o sr. Woodiey, que tinham chegado da África do Sul. Disseram que eram amigos de meu tio, que ele morrera meses antes, pobre, em Johannesburg, e que lhes suplicara, à hora da morte, que nos procurassem e não permitissem que nos faltasse nada. Pareceu-nos estranho que o tio Ralph, que nunca se preocupara conosco em vida, se interessasse por nós na hora da morte, mas o sr. Carruthers explicou que meu tio acabara de ter notícia da morte de meu pai e que, portanto, se sentia responsável por nós.

— Desculpe-me — interrompeu Holmes. — Quando teve lugar essa conversa?

— Em dezembro último, há quatro meses.

— Pode continuar.

— O sr. Woodley me pareceu uma criatura odiosa. Ficava sempre olhando para mim de maneira desagradável, e tinha um rosto grosseiro e balofo, um bigode ruivo e cabelos empastados de cada lado da testa. Achei-o detestável, e tive a certeza de que Cyril não gostaria que eu conhecesse aquele sujeito.

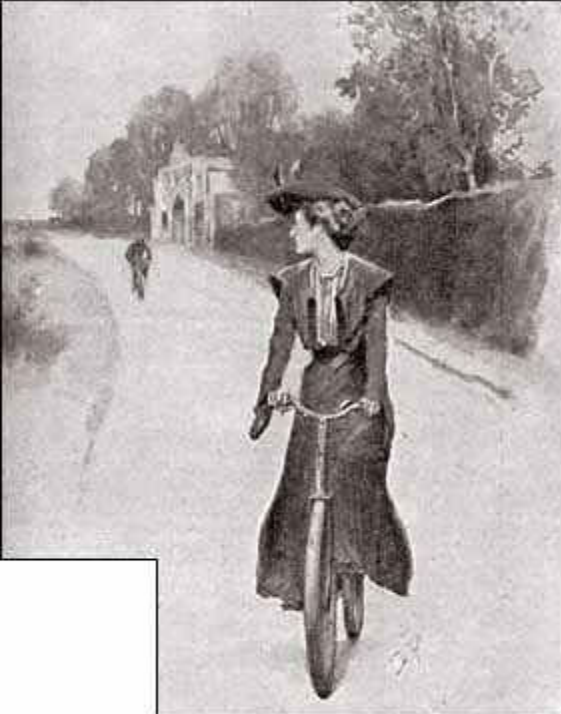
— Oh, ele se chama Cyril! — disse Holmes, sorrindo.

A jovem corou e riu.

— Sim, sr. Holmes! Cyril Morton, engenheiro eletrônico, e esperamos nos casar no fim do verão. Deus do céu, como é que fui falar nele? O que eu queria dizer é que o sr. Woodiey era profundamente antipático e que o sr. Carruthers, embora muito mais velho, me deixou melhor impressão. Homem moreno, pálido, bem-barbeado, silencioso, mas de boas maneiras e um sorriso simpático. Perguntou-nos como estávamos de finanças, e, ao saber que éramos muito pobres, sugeriu que eu desse lições de música a sua filha, de dez anos de idade. Respondi que não gostaria de deixar minha mãe, e ele disse que eu poderia ir passar com ela todos os fins de semana, e ofereceu-me cem libras por ano, o que achei ótima remuneração. Acabei por aceitar, e fui para Chiltern Grange, a dez quilômetros de Farnham. O sr. Carruthers disse que era viúvo, mas arranjava uma governanta, senhora muito respeitável, já de idade, a sra. Dixon, para tomar conta da casa. A menina era muito boazinha, e tudo corria bem. O sr. Carruthers era amável e apreciava bastante a música, de modo que passávamos noites agradáveis. Eu, todos os fins de semana, ia visitar minha mãe.

"O primeiro aborrecimento foi a chegada do sr. Woodley. Veio por uma semana, mas me pareceram três meses! Era muito antipático e queria mandar em todos, porém comigo foi pior ainda. Declarou-me amor de maneira odiosa, gabou-se da sua fortuna, disse que, se eu me casasse com ele, teria os mais belos brilhantes de Londres. Finalmente, certo dia, após o jantar, como eu não quisesse saber dele, agarrou-me com força, dizendo que não me largaria enquanto não o beijasse. O sr. Carruthers apareceu e afastou-o para longe de mim, mas o homem se virou contra ele e deu-lhe um murro, derrubando-o e ferindo-o no rosto. Foi o fim da visita, como o senhor deve calcular. O sr. Carruthers me pediu desculpas no dia seguinte, dizendo que eu nunca mais ficaria sujeita a tais insultos. Nunca mais vi o sr. Woodiey.

"E agora, sr. Holmes, chego ao acontecimento que me fez vir procurá-lo, para pedir conselho. Vou todos os sábados de bicicleta à estação de Farnham, para apanhar o trem de meio-dia e vinte e dois. A estrada é deserta e isolada, e há um trecho mais deserto ainda, de cerca de um quilômetro, que corre entre a charneca de Charlinton, de um lado, e a mata que rodeia a Mansão Charlinton, do outro. Não seria possível encontrar estrada mais solitária, e é raro se encontrar ali uma carroça, ou um camponês, até chegar à estrada real, perto de Crooksbury Hill. Há duas semanas, quando passava por lá, olhei por acaso para trás e vi um homem, também de bicicleta. Parecia de meia-idade, de barba curta e preta. Olhei de novo, antes de chegar a Farnham, porém o homem desaparecera, de modo que não pensei mais nisso. Mas o senhor vai ficar admirado, sr. Holmes, quando lhe contar que, ao voltar, na segunda-feira, vi o mesmo homem, no mesmo trecho da estrada. Meu espanto aumentou, quando isso se repetiu no sábado e na segunda-feira seguintes. Ele ficava sempre longe, não me incomodando de maneira alguma, mas o fato não deixava de ser estranho! Falei sobre isso com o sr. Carruthers, que pareceu interessado. Disse-me que encomendara uma charrete e um cavalo, para que, dali em diante, eu não passasse sozinha por aquele lugar.



"Tanto o cavalo como a charrete deviam ser entregues naquela semana, mas não chegaram, de modo que tive de ir de novo de bicicleta para a estação. Foi hoje de manhã. É claro que olhei para trás, quando cheguei àquele lugar; lá estava o homem, exatamente como duas semanas antes. Ficava sempre tão distante, que eu não podia ver seu rosto, mas tenho certeza de que não é pessoa que eu conheça. Sempre de escuro, com boné de pano. A única coisa que eu podia lhe distinguir no rosto era a barba preta. Hoje não fiquei alarmada, mas curiosa, decidida a ver quem era e o que queria. Diminuí a marcha, mas também ele diminuiu a sua. Parei, e ele parou. Preparei-lhe então uma armadilha. Há uma curva grande na estrada.

Pedalei rapidamente até lá e parei, depois da curva, esperando vê-lo passar por mim, sem poder parar. Mas ele não apareceu. Voltei e olhei do outro lado da curva. Podia ver um quilómetro e meio de estrada, mas o homem sumira. O mais extraordinário é que não havia atalho por onde ele pudesse ter se metido.

Holmes esfregou as mãos, estalando a língua.

— O caso tem as suas particularidades — disse ele. — Quanto tempo se passou entre o momento em que virou a curva e aquele em que voltou, para olhar a estrada?

— Dois ou três minutos.

— Então, ele não poderia ter desaparecido na estrada, já que a senhora diz que não há atalho, não?

— Nenhum.

— Com certeza entrou em alguma vereda, de um lado ou de outro.

— Não podia ser do lado das urzes, pois eu o teria visto.

— Então, por exclusão, chegamos à conclusão de que se dirigiu para a Mansão Charlington, que, pelo que me consta, fica no meio de um parque, de um lado da estrada. Mais alguma coisa?

— Nada mais, sr. Holmes, a não ser que fiquei tão perplexa, que não sosseguei enquanto não vim procurá-lo.

Holmes ficou em silêncio por algum tempo.

— Onde está seu noivo? — perguntou por fim.

— Trabalha na Midland Electric Company, em Coventry.

— Não iria ele lhe fazer uma visita surpresa?

— Oh, sr. Holmes, como se eu não o conhecesse!

— Tem tido outros admiradores?

— Tive muitos, antes de conhecer Cyril.

— E depois?

— Há aquele odioso sr. Woodiey, se é que se pode chamar de admirador.

— Ninguém mais?

A nossa bela cliente pareceu confusa.

— Quem é ele? — perguntou Holmes.

— Oh, talvez seja imaginação minha, mas às vezes me parece que meu patrão, o sr. Carruthers, se interessa muito por mim. Estamos sempre juntos. Acompanho-o ao piano, à noite. Ele nunca disse coisa alguma. É um perfeito cavalheiro. Mas uma mulher sente essas coisas.

— Ah! — disse Holmes, gravemente. — Como ele ganha a vida?

— É rico.

— Tem cavalos, ou carruagens?

— Oh, não, em todo caso está bem de finanças. Mas vai à cidade duas ou três vezes por semana. Interessa-se bastante por ações de minas de ouro, da África do Sul.

— Ponha-me a par de qualquer novidade, srta. Smith. Estou muito ocupado atualmente, mas arranjarei tempo para investigar seu caso. De qualquer maneira, não aja sem me consultar. Adeus. Espero receber boas notícias a seu respeito.

A jovem saiu.

— É a coisa mais natural uma jovem como essa ter admiradores — disse Holmes, puxando o cachimbo, com ar pensativo. — Mas não namorados de bicicleta, em estradas desertas. Algum apaixonado secreto, com certeza. Mas há, nesse caso, pormenores curiosos e sugestivos, Watson.

— O homem aparecer só naquele lugar?

— Exatamente. Nosso primeiro passo será descobrir quem mora na Mansão Charlington. Depois, qual a relação entre Carruthers e Woodiey, já que parecem tipos tão diferentes. Por que estão ambos interessados em procurar a

sobrinha de Ralph Smith? Mais uma coisa. Que espécie de casa é aquela onde se paga por uma governanta o dobro do preço habitual, mas onde não existe um cavalo, embora a casa fique a dez quilómetros da estação? Estranho, Watson, muito estranho.

— Vai até lá?

— Não, caro Watson, vá *ocê*. Talvez seja uma intrigazinha insignificante, e não posso largar casos mais sérios, assim na dúvida. Segunda-feira, você chegará cedo a Farnham; ficará escondido perto da charneca de Charlinton; observará os fatos e agirá conforme achar acertado. Depois de ter indagado quais os moradores da mansão, voltará para me fazer seu relatório. E agora, caro Watson, nem mais uma palavra sobre o assunto até termos alguns pontos de apoio sólidos, com os quais possamos alcançar a verdade.

Tínhamos sabido, pela jovem, que ela costumava apanhar o trem que parte de Waterloo às nove e cinquenta, de modo que saí mais cedo e apanhei o das nove e treze. Ao chegar à estação de Farnham, não foi difícil saber onde ficava a charneca de Charlinton. Era impossível me enganar quanto ao cenário descrito pela jovem, pois a estrada corre entre a charneca aberta, de um lado, e uma velha sebe de teixos, do outro, circundando um parque cheio de árvores magníficas. Havia um portão principal, de pedra coberta de líquen, com pilares sustentando os emblemas heráldicos, mas, além dessa entrada, notei diversos vãos na sebe, de onde saíam veredas. Não se via a casa, da estrada, mas tudo lembrava tristeza e decadência.

A charneca estava coberta por douradas manchas de urzes, brilhando à luz do sol primaveril. Tomei posição atrás de uma dessas moitas, de maneira a poder ver tanto o portão da mansão como um longo trecho de estrada de cada lado. Estava deserta, quando eu a deixei, mas então vi um ciclista se dirigindo para o lado de onde eu viera. Estava de roupa escura e tinha barba preta. Ao chegar ao fim dos terrenos da Mansão Charlinton, desceu da bicicleta e se enfiou com ela por um dos vãos, na sebe, desaparecendo de minha vista.

Um quarto de hora depois, surgiu novo ciclista. Dessa vez era a jovem, que vinha da estação. Vi-a olhar em volta, quando chegou àquele ponto. Segundos depois, o homem saiu do esconderijo, pulou para a bicicleta e seguiu a jovem. No largo cenário, apenas as figuras se moviam, a jovem graciosa, muito ereta na bicicleta, e o homem, inclinado sobre o guidão, com ar furtivo. Ela olhou para trás e diminuiu a marcha. Também ele diminuiu a sua. Ela parou. Ele parou imediatamente, ficando a duzentos metros do ponto onde se encontrava a srta. Smith. O próximo movimento da jovem foi tão inesperado quanto enérgico. De repente, virou-se e pedalou com vigor para o lado dele. Mas o homem foi igualmente rápido, fugindo num ápice. Então ela retomou seu caminho, olhando para a frente, não se dignando preocupar-se mais com seu silencioso acompanhante. Ele também se virara, guardando a distância, até que a curva da estrada o escondeu da minha vista.

Fiquei no meu esconderijo. Ainda bem, pois o ciclista voltou lentamente dali a pouco. Ao chegar aos portões da mansão, desceu da bicicleta. Vi-o por

alguns minutos, no meio das árvores. Erguera as mãos e parecia ajeitar a gravata. Depois subiu de novo na bicicleta e se afastou pela alameda, na direção da mansão. Corri pelas urzes e espiei por entre as árvores. Distingui, ao longe, a velha casa cinzenta, com suas chaminés, mas a alameda corria no meio de árvores cercadas, e não vi mais nosso homem.

Pareceu-me que meu trabalho da manhã fora rendoso, e voltei, satisfeito, para Farnham. O corretor de imóveis da localidade nada pôde me dizer sobre a Mansão Charlington e mandou-me procurar uma conhecida firma, em Pall Mall. Dirigi-me para ali, ao voltar a casa, e fui recebido com cortesia. Não, não podiam me alugar a Mansão Charlington durante o verão, pois acabara de ser alugada, um mês antes. Sr. Williamson, chamava-se o inquilino.. Era um senhor de idade, respeitável. Infelizmente nada mais podia informar, disse ele, pois a vida dos clientes não era assunto que pudesse discutir.

Sherlock Holmes ouviu com atenção o longo relatório que lhe apresentei naquela noite, mas não recebi a palavra de elogio que esperava e à qual teria dado tanto valor. Pelo contrário, seu rosto austero ainda mais severo se tornou, quando ele comentou as coisas que eu fizera e as que deixara de fazer.

— Seu esconderijo, caro Watson, deixou muito a desejar. Devia ter-se escondido atrás da sebe; dali, sim, teria podido ver de perto aquela interessante pessoa. Mas, ficando a centenas de metros de distância, pôde me contar menos ainda do que a srta. Smith. Ela julga que não conhece o homem; eu acho que ela o conhece. Do contrário, por que haveria ele de evitar a todo custo que a jovem se aproximasse e lhe visse as feições? Você diz que ele se inclinava sobre o guidão. Pois trabalhou inuito mal. Quando o homem voltou para casa, procurou saber quem ele era e, para isso, foi procurar uma firma de corretores de imóveis, em Londres!

— O que devia ter feito então? — perguntei acaloradamente.

— Devia ter ido à taverna mais próxima. É o centro dos falatórios. Lá lhe diriam os nomes de todos, desde o do patrão até o da criada. Williamson! Não me diz nada. Se for um senhor idoso, não pode ser o enérgico ciclista, que consegue escapar à atlética perseguição daquela jovem. Que ganhamos com nossa excursão? A certeza de que a história da jovem é verídica? Nunca duvidei dela. Que há uma relação entre o ciclista e a mansão? Também nunca duvidei disso. Que o atual morador da mansão se chama Williamson? Que adianta saber disso? Bom, bom, caro amigo, não fique tão deprimido. Pouco podemos fazer até o próximo sábado, e, nesse meio tempo, procurarei investigar, eu mesmo, um ou dois pontos.

Na manhã seguinte, recebemos um bilhete da srta. Smith, contando, brevemente e com exatidão, os incidentes por mim presenciados. Mas o mais importante estava no pós-escrito:

"Tenho certeza de que respeitará a minha confiança, sr. Holmes, quando lhe contar que minha posição aqui se tornou delicada, pelo fato de o meu patrão ter me pedido em casamento. Estou convencida de que seus



sentimentos são sinceros e suas intenções, as mais dignas. Por outro lado, estou noiva. Ele aceitou a minha recusa com ar muito sério, mas delicadamente. O senhor deve, no entanto, compreender que a situação é constrangedora".

— Nossa amiga parece estar navegando em águas profundas — observou Holmes, pensativo, ao terminar a carta. — O caso apresenta pontos interessantes e mais possibilidades de desenvolvimento do que a princípio me pareceu. Um dia tranquilo, mi campo, não me faria mal, e estou com vontade de ir até lá hoje à tarde, para 'experimentar uma ou duas teorias que elaborei.

O calmo dia de Holmes no campo teve um fim singular, pois ele chegou tarde à Baker Street, com um lábio cortado e um galo na testa, além de estar com tal aspecto que poderia ter sido objeto de investigação da Scotiand Yard. Estava muito animado com a aventura, e riu gostosamente ao contá-la.

— Faço tão pouco exercício que é sempre um prazer praticar um pouco — disse ele. — Você não ignora que sou perito no velho esporte inglês chamado boxe. De vez em quando, ajuda. Hoje, por exemplo, teria feito um triste papel e sofrido desagradáveis consequências, se não fosse o boxe.

Pedi-lhe que me contasse o que acontecera.

— Encontrei a taberna de que lhe falei e ali fiz perguntas discretas. Fiquei ao balcão, e o dono da taverna, sujeito loquaz, deu-me todas as informações que eu queria. Williamson é um homem de barba branca e mora na mansão, com poucos empregados. Murmura-se que é ou foi padre, mas um ou dois pormenores de sua estada na mansão me pareceram pouco eclesiásticos. Já indaguei a esse respeito no lugar competente e fiquei sabendo que houve um padre com esse nome, cuja carreira foi singularmente negra. O dono da taverna me contou que o homem sempre recebe visitas nos fins de semana (gente do barulho, senhor, disse ele), principalmente um homem de bigode ruivo, chamado Woodiey, que nunca deixa de vir. Tínhamos chegado a esse ponto, quando entra na sala. . . imagine quem?... o próprio sujeito, que estivera bebendo cerveja na saleta e ouvira a conversa toda. Quem eu era? O que queria? Que significavam aquelas perguntas? Falava fluentemente, e seus adjetivos eram vigorosos. Acabou por me dar um soco, ao qual não pude me esquivar completamente. Os minutos seguintes foram deliciosos. Mandei-lhe um direto com a esquerda. Saí no estado que vê, mas o sr. Woodiey teve de ir para casa de carro. Acabou desse modo o meu dia no campo, e devo confessar que, por mais agradável que tenha sido, não foi muito mais proveitoso do que o seu.

Na quinta-feira, recebemos outra carta da srta. Smith:

"Vai ficar admirado, sr. Holmes, por saber que vou deixar a casa do sr.

Carruthers. Nem mesmo o alto salário poderá compensar o constrangimento gerado pela situação. No sábado, irei para a cidade e não voltarei mais para cá. O sr. Carruthers tem agora uma charrete, de modo que o perigo na estrada, se é que houve perigo, deixou de existir. Quanto ao motivo que me leva a partir, não é tanto o pedido de casamento feito pelo sr. Carruthers, como o reaparecimento do odioso sr. Woodiev. Ele sempre foi detestável, mas agora está pior, pois parece que sofreu um acidente e está desfigurado. Vi-o pela janela, mas felizmente não nos encontramos. Ele teve uma longa conversa com o sr. Carruthers, e este depois me pareceu muito excitado. Woodiey deve estar hospedado nas redondezas, pois não ficou aqui. Apesar disso, vi-o de relance novamente, hoje de manhã, correndo furtivamente pelas moitas. Eu preferia ver um animal selvagem, solto por aí, a encontrar esse homem. Detesto-o e temo-o mais do que gostaria de confessar. Como é que o sr. Carruthers pode suportar tal criatura, por um momento que seja? Felizmente meus aborrecimentos terminarão no sábado."

— Assim espero, Watson, assim espero — disse Holmes gravemente. — Há uma intriga em volta daquela jovem, e é nosso dever evitar que a incomodem nessa última viagem. Acho que devemos ir ambos para lá no sábado, para que esta curiosa investigação não tenha um fim desagradável.

Confesso que, até então, eu não levava o caso a sério, pois me parecera mais bizarro e grotesco do que perigoso. Que um homem espere uma bela donzela e a siga, não é novidade em parte alguma, mas o fato de nunca procurá-la e mesmo fugir à sua aproximação indicava que não era adversário muito perigoso. Quanto a Woodiey, o caso era diferente, mas, a não ser numa ocasião, não importunara a nossa cliente, e agora visitava Carruthers sem impor à jovem a sua presença. O homem de bicicleta era, sem dúvida, um dos membros das reuniões dos fins de semana de que falara o taverneiro. Mas é impossível saber quem era ou o que desejava. Somente a seriedade de Holmes e o fato de meter um revólver no bolso me indicaram que o caso poderia terminar em tragédia.

Uma noite de chuva fora seguida por uma bela manhã, e os campos de urzes pareciam ainda mais belos aos olhos de quem estava habituado aos tons cinzentos da velha Londres. Holmes e eu caminhamos pela estrada larga, respirando o ar fresco da manhã e ouvindo o chilrear dos pássaros. De uma elevação da estrada, vimos a mansão no meio de velhos carvalhos, os quais, por mais velhos que fossem, eram mais novos do que a casa que circundavam. Holmes mostrou-me a grande extensão da estrada. Ao longe, vimos uma mancha preta, parecendo um veículo que vinha na nossa direção. Holmes soltou uma exclamação de impaciência.

— Eu tinha dado uma margem de meia hora — disse ele. — Se for a charrete da jovem, é porque vai apanhar o trem mais cedo. Receio, caro Watson, que ela passe por Charlington antes que possamos apanhá-la.

Depois de termos passado a elevação, não vimos mais o veículo, mas caminhamos com tal rapidez, que comecei a notar os efeitos da minha vida sedentária e tive de ficar para trás. Mas Holmes estava sempre treinado e tinha

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

